

A
última
carta
de
amor

*A última
carta
de
amor*

Jojo Moyes

Tradução de Adalgisa Campos da Silva

Copyright © Jojo Moyes 2010

O trecho da carta de Zelda Fitzgerald para Scott Fitzgerald aparece em *Hell Hath No Fury*, de Anna Holmes, e foi reproduzido com a permissão de Estate of F. Scott Fitzgerald c/o David Higham Associates.

O trecho da carta de Agnes von Kurowsky para Ernest Hemingway aparece em *Hemingway in Love and War*, de Henry S. Villard e James Nagel, e foi reproduzido com a permissão de University Press of New England.

TÍTULO ORIGINAL

The Last Letter From Your Lover

PREPARAÇÃO

Sheila Louzada

REVISÃO

Milena Vargas

Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899u

Moyes, Jojo, 1969-

A última carta do seu amor / Jojo Moyes ; tradução de Adalgisa Campos da Silva. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

384p. : 23 cm

Tradução de: The last letter from your lover

ISBN 978-85-8057-173-8

I. Romance inglês. I. Silva, Adalgisa Campos da.
II. Título.

12-1260.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

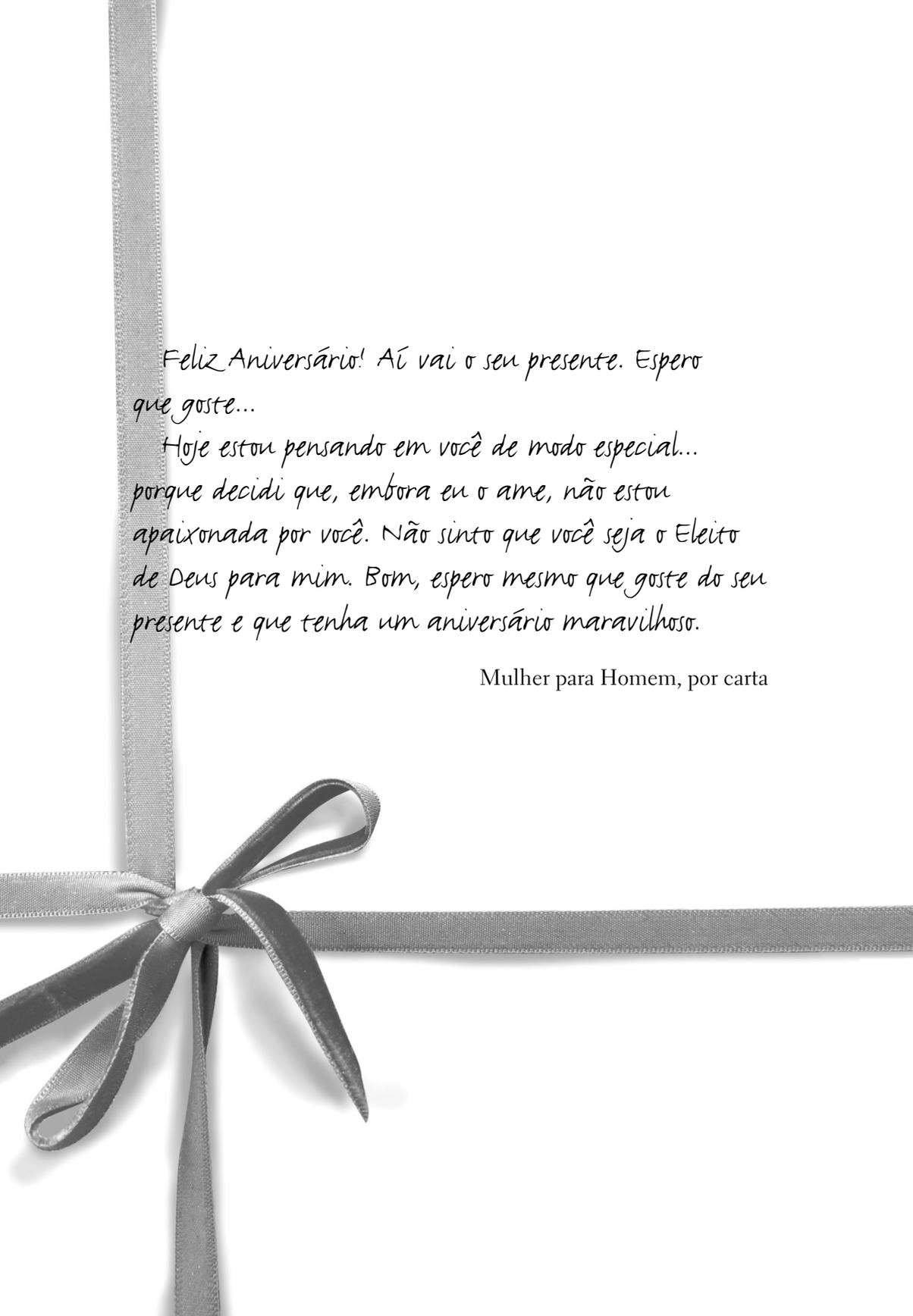
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

A Charles, que começou tudo isso com um bilhete.



Feliz Aniversário! Aí vai o seu presente. Espero que goste...

Hoje estou pensando em você de modo especial... porque decidi que, embora eu o ame, não estou apaixonada por você. Não sinto que você seja o Eleito de Deus para mim. Bom, espero mesmo que goste do seu presente e que tenha um aniversário maravilhoso.

Mulher para Homem, por carta

Prálaya

Até. Bj.

Ellie Haworth avista os amigos por entre as pessoas e vai abrindo caminho pelo bar. Larga a bolsa no chão e coloca o telefone na mesa diante deles. Já estão bem calibrados — nota-se pelo tom das vozes, pelo exagero dos gestos e das gargalhadas, pelas garrafas vazias.

— Atrasada. — Nicky mostra o relógio, apontando o dedo acusadoramente para ela. — Não venha dizer “Eu tinha uma matéria para terminar”.

— Entrevista com a mulher ludibriada de um membro do Parlamento. Desculpe-me. Era para a edição de amanhã — diz, ocupando o assento vazio e servindo em um copo o restinho de uma garrafa. Ela empurra o telefone na mesa. — Tudo bem. Palavra irritante de hoje para discussão: “até”.

— Até?

— Usada como despedida. Significa até amanhã ou até mais tarde? Ou será só uma horrorosa forma de falar típica de adolescentes que na verdade não significa absolutamente nada?

Nicky olha a tela acesa do celular.

— É “até” e um “bj”. É tipo “boa noite”. Eu diria amanhã.

— Definitivamente amanhã — diz Corinne. — “Até” é sempre até amanhã. — Faz uma pausa. — Poderia também significar até depois de amanhã.

— É muito informal.

— Informal?

— Aquele tipo de coisa que a gente diz ao carteiro.

— Você manda um beijo para o seu carteiro?

Nicky sorri ironicamente.

— Poderia mandar. Ele é lindo.

Corinne analisa a mensagem.

— Não sei se é bem isso. Pode significar apenas que ele estava com pressa para fazer alguma outra coisa.

— É. Tipo encontrar a mulher dele.

Ellie dirige um olhar de advertência a Douglas.

— Que foi? — diz ele. — Só acho que você já passou dessa fase de ter que decifrar linguagem de torpedos.

Ellie engole depressa o vinho, depois debruça-se na mesa.

— Tudo bem. Se estou prestes a ouvir um sermão preciso de outra bebida.

— Se você tem intimidade suficiente para fazer sexo no escritório de alguém, acho que deveria pedir que esse alguém esclarecesse quando vocês poderiam se encontrar para tomar um café.

— E o resto da mensagem? Por favor, que não seja nada sobre sexo no escritório.

Ellie espia seu telefone, descendo a lista de mensagens. “Ligação complicada de casa. Dublin semana que vem mas ainda não sei direito quais são os planos. Até. Bj.”

— Ele está mantendo as opções em aberto — diz Douglas.

— A menos que... bem... ele não saiba direito quais são os próprios planos.

— Nesse caso ele teria dito “Te ligo de Dublin”. Ou mesmo “Vou comprar sua passagem para Dublin”.

— Ele vai levar a mulher?

— Ele nunca leva. É uma viagem a trabalho.

— Talvez ele esteja levando outra pessoa — murmura Douglas para dentro do copo de cerveja.

Nicky balança a cabeça, pensativa.

— Nossa, a vida não era mais fácil quando eles tinham que ligar para falar com a gente? Aí a gente podia pelo menos perceber a rejeição pelo tom de voz.

— É. — Corinne suspira. — E a gente podia ficar em casa sentada ao lado do telefone por horas e horas esperando eles ligarem.

— Ah, as noites que eu passei...

— ... verificando se o telefone estava mesmo funcionando...

— ... e, ao ouvir o sinal de discar, desligando logo, para o caso de ter sido o momento exato em que ele estava ligando.

Ellie ouve os amigos rirem, reconhecendo que eles têm razão, mas no fundo ainda querendo ver a telinha se iluminar de repente com uma chamada. Uma chamada que, em vista da hora e de as coisas estarem “complicadas em casa”, não vai acontecer.

Douglas a acompanha até em casa. Ele é o único dos quatro que mora com uma parceira, mas Lena, sua namorada, é importante no ramo de tecnologia

de recursos humanos e quase sempre fica no trabalho até 22 ou 23 horas. Lena não se importa que ele saia com as velhas amigas — já o acompanhou algumas vezes, mas é difícil para ela transpor o muro de piadas antigas e referências cúmplices decorrentes de uma década e meia de amizade. Quase sempre, ela o deixa ir só.

— Então, o que está havendo com você, garotão? — Ellie o cutuca ao desviarem de um carrinho de compras largado na calçada. — Não falou nada sobre você lá no bar. A menos que eu tenha perdido tudo.

— Não muita coisa — diz ele, e hesita. Enfia as mãos nos bolsos. — Quer dizer, não é bem verdade. Hum... Lena quer ter um filho.

Ellie olha para ele.

— Uau.

— E eu também — acrescenta depressa. — Temos falado sobre isso há séculos, mas agora chegamos à conclusão de que nunca vai haver uma hora certa, então é melhor encomendar logo.

— Um romântico à moda antiga, você!

— Eu estou... sei lá... bem feliz com isso, mesmo. Lena vai continuar trabalhando, e eu vou ficar cuidando do bebê em casa. Bem, se tudo acontecer conforme o planejado...

Ellie tenta manter a voz neutra.

— E é isso que você quer?

— É. Eu não gosto do meu trabalho mesmo. Já não faço nada há anos. Ela ganha uma fortuna. Acho que seria bem gostoso passar o dia inteiro às voltas com uma criança.

— Ter um filho é um pouco mais que andar às voltas... — começa ela.

— Eu sei. Cuidado... na calçada. — Delicadamente, ele a desvia da sujeira. — Mas estou pronto para isso. Não preciso sair toda noite para o bar. Quero o estágio seguinte. Isso não quer dizer que eu não goste de sair com vocês, mas às vezes me pergunto se a gente não deveria... sabe... crescer um pouco.

— Ah, não! — Ellie segura o braço dele. — Você passou para o lado negro.

— Bem, eu não encaro o meu trabalho do mesmo jeito que você. Para você, o trabalho é tudo, certo?

— Quase tudo — admite ela.

Eles caminham em silêncio algumas ruas, ouvindo as sirenes ao longe, as portas dos carros batendo e as discussões abafadas da cidade. Ellie adora essa hora da noite, apoiada pela amizade, temporariamente livre das incertezas que cercam o resto de sua vida. Foi uma noite legal lá no bar, ela está indo para seu

apartamento aconchegante. É uma pessoa saudável. Tem um cartão de crédito com um limite ainda inexplorado, planos para o final de semana, e é a única dos amigos que ainda não tem um fio de cabelo branco. A vida é boa.

— Você às vezes pensa nela? — pergunta Douglas.

— Em quem?

— Na mulher do John. Acha que ela sabe?

A menção dissipa a felicidade de Ellie.

— Sei lá. — E, quando Douglas não diz nada, ela acrescenta: — Com certeza eu saberia se fosse ela. Ele diz que ela se interessa mais pelos filhos que por ele. Às vezes eu digo a mim mesma que talvez bem lá no fundo ela ache bom não ter que se preocupar com ele. Sabe, em fazê-lo feliz.

— Puxa, *isso* é que é acreditar na verdade que você mesma inventou.

— Talvez. Mas, sendo muito honesta, a resposta é não. Eu não penso nela e não me sinto culpada. Porque acho que isso não teria acontecido se eles estivessem felizes ou fossem... sabe... ligados.

— Vocês mulheres têm uma visão tão equivocada dos homens...

— Você acha que ele é feliz com ela? — Ela analisa a expressão no rosto do amigo.

— Não tenho ideia. Só não acho que ele precisa ser infeliz com a mulher para transar com você.

O clima mudara um pouco, e, talvez, percebendo isso, Ellie solta o braço de Douglas e ajeita a echarpe em volta do pescoço.

— Você acha que eu não presto. Ou que ele não presta.

Saiu. O fato de a afirmação ter partido de Douglas, o menos dogmático dos seus amigos, dói.

— Eu nunca acho que alguém não presta. Só penso em Lena, e no que significaria para ela ter um filho meu, e na ideia de passá-la para trás só porque ela optou por dar a essa criança a atenção que eu achava que era minha...

— Então você acha, *sim*, que ele não presta.

Douglas balança a cabeça negativamente.

— Eu só... — Ele para e olha para o céu antes de formular a resposta. — Acho que você deveria ter cuidado, Ellie. Essa coisa toda de tentar decifrar o que ele quer dizer, o que ele deseja, isso é só babaquice. Você está perdendo o seu tempo. Para mim, as coisas em geral são bastante simples. Uma pessoa gosta de você, você gosta dela, vocês ficam juntos, e é mais ou menos isso.

— Universo legal, esse em que você vive, Doug. Pena que não se parece com o real.

— Tudo bem, vamos mudar de assunto. Falar nisso depois de alguns drinques não dá.

— Não. — A voz de Ellie fica aguda. — *In vino veritas*, e essa coisa toda. Tudo bem. Pelo menos eu sei o que você pensa. Daqui posso ir sozinha. Mande um beijo para Lena.

Ela corre as duas ruas até em casa, sem se virar para olhar o velho amigo.

O *Nation* está sendo embalado, caixa por caixa, para ser transferido para sua nova sede de fachada de vidro em um esplêndido cais revitalizado na zona leste da cidade. A redação vem minguando semana após semana: onde havia torres de *releases*, pastas e recortes para arquivar, agora há mesas vazias, brilhantes extensões inesperadas de superfícies compensadas, expostas à clareza dura da luz fria. Lembranças de matérias passadas foram desenterradas, como prêmios de uma escavação arqueológica, bandeiras de jubileus reais, capacetes de aço amassados de guerras distantes e certificados emoldurados de prêmios havia muito esquecidos. Montes de fios estão expostos, placas de carpete foram deslocadas e grandes buracos foram abertos no teto, incitando inspeções histriônicas de especialistas em saúde e segurança e um sem-fim de visitantes com pranchetas. As editorias de Anúncios, Classificados e Esporte já se mudaram para o Compass Quay. A revista de sábado, a Economia e as Finanças Pessoais estão preparando a transferência para as próximas semanas. A editoria de Ellie, Reportagens Especiais, vai junto com a Geral, em um truque cuidadosamente coreografado, de modo que o jornal de sábado sairá da antiga sede da Turner Street, mas o de segunda-feira virá, como que num passe de mágica, do novo endereço.

O prédio, sede do jornal por quase cem anos, já não mais “atende aos objetivos” — aquela expressão antipática. Segundo a administração, não reflete a natureza dinâmica e eficiente de uma redação moderna. Há muitos lugares para se esconder, observam, de mau humor, os picaretas, quando arrancados de suas posições para voltar ao trabalho, como cracas teimosamente agarradas a buracos em um casco de navio.

— Deveríamos comemorar isso — diz Melissa, chefe de Reportagens Especiais, da sala quase totalmente esvaziada da editoria.

Ela está com um vestido de seda cor de vinho. Em Ellie, pareceria a camisola de sua avó. Em Melissa, parece o que é: moda de altíssimo nível.

— A mudança?

Ellie está olhando para o celular, a seu lado, configurado para o modo silencioso. A sua volta, os outros redatores da editoria estão calados, bloquinhos de anotações nos joelhos.

— Sim. Eu estava falando com um dos bibliotecários outro dia. Ele disse que há montes de pastas velhas que ninguém olha há décadas. Quero alguma

coisa sobre as páginas femininas de cinquenta anos atrás. Como as atitudes mudaram, as modas, as preocupações das mulheres. Estudos de caso, lado a lado, de então e de agora. — Melissa abre uma pasta e puxa várias folhas A3 xerocadas. Ela fala com a segurança de quem está acostumado a ser ouvido. — Por exemplo, da nossa seção de aconselhamento sentimental: *O que eu posso fazer para minha mulher se vestir com mais elegância e ficar mais atraente? Minha renda é de 1.500 libras por ano, e estou começando a fazer carreira numa empresa da área de comércio. Tenho recebido muitos convites de clientes para jantares e coisas do tipo, mas, nas últimas semanas, tenho que me esquivar deles porque a minha mulher, francamente, está um lixo.*

Ouve-se uma risada em tom grave na sala.

— *Já tentei dizer isso a ela de uma forma delicada, e ela diz que não liga para moda nem joias nem maquiagem. Francamente, ela não parece a esposa de um homem de sucesso, que é o que eu desejo que ela seja.*

John uma vez dissera a Ellie que, depois que vieram os filhos, sua mulher se desinteressara da própria aparência. Ele desconversara tão logo tocara no assunto, e nunca mais tornara a mencioná-lo, como se considerasse aquele comentário uma traição ainda maior que transar com outra mulher. Ellie ficara ressentida com esse vestígio de lealdade cavalheiresca do namorado, mas no fundo o admirou por isso.

Entretanto, aquilo tinha ficado na sua cabeça. Ela imaginara a mulher dele: desmazelada, com uma camisola manchada, agarrada a um bebê e passando um sermão no marido por algum suposto problema. Ellie queria dizer a John que ela própria jamais seria assim com ele.

— A pessoa poderia fazer as perguntas a uma consultora sentimental moderna.

Rupert, o editor da revista de sábado, se inclina a fim de olhar as outras páginas fotocopiadas.

— Não sei se seria preciso. Ouça a resposta: *Talvez nunca tenha ocorrido a sua mulher que ela deva ser parte da sua vitrine. Talvez, quando pensa minimamente nessas coisas, ela diga a si mesma que está casada, segura, feliz, então por que deveria se preocupar?*

— Ah — diz Rupert. — “A tão profunda paz conjugal.”

“*Já vi isso acontecer com uma rapidez incrível tanto com jovens que acabaram de se apaixonar quanto com mulheres que se acomodam num acolhedor casamento de longa data. Uma hora elas estão todas perfeitinhas, lutando heroicamente contra a cintura, as costuras das meias retas no corpo, ansiosamente embebidas em perfume. Basta um homem dizer ‘Eu te amo’ e imediatamente aquela garota esplêndida está praticamente um bagulho. Um bagulho feliz.*”

Ouve-se na sala uma risada geral breve e educada, de aprovação.

— Qual é a escolha de vocês, meninas? Lutar heroicamente contra a cintura ou virar um bagulho feliz?

— Acho que vi um filme com esse nome não faz muito tempo — diz Rupert. Seu sorriso murcha quando ele percebe que as risadas morreram.

— É possível fazer muita coisa com isso. — Melissa aponta para a pasta. — Ellie, você pode pesquisar um pouco hoje à tarde? Ver o que mais consegue achar. Estamos olhando para quarenta, cinquenta anos atrás. Cem anos seria muito irreal. O editor quer muito que a gente enfatize a mudança de uma forma que traga leitores com a gente.

— Você quer que eu procure no arquivo?

— Isso seria um problema?

Não para quem gosta de ficar sentado em porões escuros cheios de papéis mofados vigiados por homens perturbados de mentalidade stalinista que aparentemente não veem a luz do dia há trinta anos.

— De forma alguma — diz Ellie animadamente. — Tenho certeza de que vou encontrar algo.

— Leve duas estagiárias para ajudar, se quiser. Ouvi dizer que tem umas escondidas lá na seção de moda.

Ellie não registra a satisfação maldosa cruzando as feições de sua editora diante da ideia de despachar o último lote das pretendentes a Anna Wintour para as entranhas do jornal. Está ocupada pensando: *Filha da mãe. No subsolo o celular não pega.*

— Por falar nisso, Ellie, onde você estava hoje de manhã?

— O quê?

— Hoje de manhã. Eu queria que você reescrevesse aquela matéria sobre filhos e perda. Ninguém sabia onde você estava.

— Eu estava fora fazendo uma entrevista.

— Com quem?

Uma perita em linguagem corporal, pensa Ellie, teria identificado corretamente que o sorriso inexpressivo de Melissa era mais um rosnado.

— Um advogado. Whistleblower. Eu estava tentando desenvolver algo sobre sexismo nos tribunais. — A justificativa escapa antes que ela se dê conta do que está dizendo.

— Sexismo na City. Pouco inovador. Esteja em sua mesa na hora certa amanhã. Deixe as entrevistas especulativas para o seu tempo livre, sim?

— Certo.

— Ótimo. Quero uma matéria de página dupla para a primeira edição saída do Compass Quay. Algo na linha de *plus ça change*. — Ela está escre-

vendo em seu caderno de capa de couro. — Preocupações, anúncios, problemas... Traga umas laudas hoje à tarde e vamos ver o que você conseguiu.

— Pode deixar.

O sorriso de Ellie é o mais alegre e o mais profissional de toda a sala quando ela se retira com os outros.

Hoje passei o dia no equivalente moderno do purgatório, digita ela, fazendo uma pausa para dar um gole no vinho. Sala do arquivo do jornal. Você devia agradecer por só inventar histórias.

Ele lhe enviou uma mensagem instantânea pela conta do hotmail. Chama a si mesmo de Carimbador; uma brincadeira entre os dois. Ela senta-se em cima dos pés na cadeira e aguarda, torcendo para que a máquina sinalize logo a resposta dele.

Você é uma péssima bárbara. Adoro arquivos, responde a tela. Lembre-me de levá-la à Biblioteca Britânica de Jornais para o nosso próximo encontro quente.

Ela ri. *Você sabe divertir uma mulher.*

Faço o melhor que posso.

O único bibliotecário humano me deu um montão de papéis soltos. Não é a coisa mais excitante de se ler antes de dormir.

Temendo que essa afirmação soe sarcástica, ela acrescenta uma carinha feliz, mas depois xinga a si própria ao lembrar que ele uma vez escreveu um ensaio para a *Literary Review* sobre como esse sorriso representava tudo o que havia de errado com a comunicação moderna.

Foi um sorriso irônico, acrescenta ela, e enfia o punho na boca.

Espera aí. Telefone. A tela fica parada.

Telefone. A esposa dele? Ele está num quarto de hotel em Dublin. Tem vista para o mar, dissera-lhe. *Você ia adorar.* O que ela deveria dizer em resposta a isso? *Então me leve da próxima vez?* Era exigir muito. *Eu com certeza adoraria?* Soava quase sarcástico. *Sim,* ela respondeu, finalmente, e deixou escapar um longo suspiro que ele não ouviu.

É tudo sua culpa, dizem-lhe seus amigos. Incomumente, ela não pode discordar.

Ela o conhecera num festival literário em Suffolk, ao qual fora enviada para entrevistar um autor de *thrillers* que ganhara uma fortuna depois de ter desistido de trabalhos mais literários. Seu nome é John Armour, e seu herói, Dan Hobson, um amálgama quase caricatural de características antiquadas masculinas. Ela o entrevistara durante o almoço, esperando uma defesa

do gênero bastante irritada, talvez algumas reclamações sobre o mercado editorial — ela sempre achou os escritores pessoas bastante cansativas de entrevistar. Esperara alguém barrigudo, de meia-idade, balofo após anos trabalhando sentado. Mas o homem alto e bronzeado que se levantou para apertar sua mão era magro e sardento, parecia um fazendeiro sul-africano curtido pelo clima ensolarado. Era divertido, charmoso, atencioso e capaz de rir de si mesmo. Dirigira a entrevista para ela, fazendo-lhe perguntas pessoais, depois explicara-lhe suas teorias sobre a origem da linguagem e como achava que a comunicação estava se transformando em algo perigosamente pobre e feio.

Quando chegou o café, ela viu que fazia quase quarenta minutos que não encostava a caneta no papel.

— Mas ainda assim você não adora o som das línguas? — perguntou ela, enquanto saíam do restaurante e voltavam para o festival.

O ano estava no fim, e o sol de inverno mergulhara atrás dos prédios baixos da rua, que ia ficando sossegada. Ela bebera demais, chegara ao ponto em que sua boca desatava a falar desafiadoramente antes que pudesse elaborar o que deveria dizer. Ellie não queria ter saído do restaurante.

— Quais?

— O espanhol. O italiano, principalmente. Tenho certeza de que é por isso que eu adoro as óperas italianas e não suporto as alemãs. Todos aqueles barulhos duros, guturais. — Ele pensara sobre o assunto, e o silêncio a deixara nervosa. Começou a gaguejar: — Sei que é totalmente fora de moda, mas adoro Puccini. Adoro aquela emoção forte. Adoro o *r* rolado, o *staccato* das palavras... — foi parando de falar ao perceber quão ridícula e pretensiosa soava.

Ele parou à entrada de um prédio, olhou rapidamente para a rua atrás deles, depois tornou a se virar para ela.

— Eu não gosto de ópera.

Fitara-a nos olhos ao dizer isso. Como se fosse um desafio. Ela sentiu algo ceder, lá no fundo do estômago. Ai, meu Deus, pensou.

— Ellie — disse ele, depois de já estarem ali parados fazia quase um minuto. Foi a primeira vez que a chamara pelo nome. — Ellie, tenho que pegar uma coisa no hotel antes de voltar para o festival. Quer subir comigo?

Antes mesmo que ele fechasse a porta do quarto, eles já estavam agarrados, corpos colados, bocas se devorando, enlaçados enquanto suas mãos executavam a urgente e frenética coreografia de tirar a roupa.

Depois, ao lembrar-se de seu comportamento, ela ficaria espantada como se estivesse vendo de longe uma espécie de aberração. Nas centenas de vezes em que repassara a cena, apagara o significado, a emoção avassaladora, e fi-

cara só com os detalhes. Sua roupa de baixo, corriqueira, inadequada, jogada em cima de uma prensa de passar calças; o modo como eles riram loucamente no chão depois do ato, embaixo da colcha sintética estampada do hotel; como depois, naquela tarde, todo alegre e com um charme inapropriado, ele devolvera a chave ao recepcionista.

Ele ligara dois dias depois, quando o choque eufórico daquele momento começava a dar lugar a algo mais desapontador.

— Você sabe que sou casado — disse ele. — Leu as matérias sobre mim.

“Procurei no Google todas as últimas referências a você”, disse-lhe ela em silêncio.

— Eu nunca fui... infiel antes. Ainda não consigo articular bem o que aconteceu.

— A culpa foi da quiche — brincou ela.

— Você mexe comigo, Ellie Haworth. Não escrevo uma palavra há 48 horas. — Ele fez uma pausa. — Você me faz esquecer o que eu quero dizer.

Então estou condenada, pensou ela, porque, tão logo sentira o peso dele sobre ela, a boca colada na sua, Ellie soubera — apesar de tudo o que já dissera aos seus amigos sobre homens casados, tudo em que já acreditava — que só precisava de um mínimo reconhecimento por parte dele do que acontecera para estar perdida.

Um ano depois, ainda não começara a procurar uma saída.

Ele volta a aparecer on-line quase 45 minutos depois. Nesse meio-tempo, ela se afastara do computador, servira-se de outro drinque, perambulara pela casa, examinando a pele num espelho do banheiro, depois catara meias perdidas e atirara-as no cesto de roupa suja. Ouve o som de uma nova mensagem e senta correndo na cadeira.

Desculpa. Não pretendia demorar. Espero que eu possa falar amanhã.

Nada de se falar por celular, dissera ele. As contas de celular são detalhadas.

Está no hotel agora?, digita ela depressa. *Eu poderia ligar para o seu quarto.* A palavra falada era um luxo, uma oportunidade rara. Mas ela precisava ouvir a voz dele.

Tenho um jantar, linda. Desculpe — já estou atrasado. Até. Bj.

E ele se vai.

Ela fica olhando a tela vazia. Ele agora estará atravessando o vestíbulo do hotel com passadas largas, encantando o pessoal da recepção, entrando em seja qual for o carro que o festival reservara para ele. Hoje à noite vai fazer um discurso de improviso no jantar e depois será aquela pessoa divertida e ligeiramente nostálgica que sempre é para os felizardos que se sentarem à sua mesa.

Ele estará lá, vivendo plenamente a sua vida, quando ela parece ter colocado a dela continuamente em espera.

Que diabo ela está fazendo?

— Que diabo estou fazendo? — diz em voz alta, batendo no botão de desligar.

Grita sua frustração para o teto do quarto, deixa-se cair na enorme cama vazia. Não pode ligar para os amigos: eles já suportaram essas conversas muitas vezes, e ela pode adivinhar qual será a reação deles — a *única* possível. O que Doug lhe dissera fora doloroso. Mas ela diria exatamente o mesmo a qualquer um deles.

Senta-se no sofá, liga a televisão. Finalmente, olhando para a pilha de jornais ao seu lado, coloca-a no colo, xingando Melissa. Uma pilha variada, disse-lhe o bibliotecário, recortes sem data e sem categoria óbvia. “Não tenho tempo de examinar todos eles. Estamos descobrindo muitas pilhas assim.” Ele era o único bibliotecário com menos de 50 anos lá embaixo. Ellie se perguntou, por um momento, por que nunca o notara.

— Veja se tem alguma coisa útil para você. — Ele se debruçara em uma atitude conspiratória. — Jogue fora o que não quiser, mas não diga nada ao chefe. Estamos em uma etapa agora em que não podemos nos dar ao luxo de examinar cada pedaço de papel.

Logo ela descobre por quê: algumas críticas teatrais, uma lista de passageiros de um cruzeiro marítimo, alguns cardápios de jantares comemorativos do jornal. Ela passa os olhos em tudo aquilo, espiando de vez em quando a TV. Não há muita coisa ali que vá empolgar Melissa.

Agora ela está folheando uma pasta surrada com o que parecem ser registros médicos. Tudo doença pulmonar, nota distraidamente. Algo a ver com mineração. Está prestes a jogar o maço todo na lixeira quando um canto azul-claro lhe chama a atenção. Com o indicador e o polegar, ela tira um envelope com o endereço escrito à mão. Já foi aberto, e a carta lá dentro é datada de 4 de outubro de 1960.

Meu querido e único amor,

Eu falei a sério. Cheguei à conclusão de que o único caminho é um de nós tomar uma decisão ousada.

Não sou tão forte quanto você. Quando a conheci, achei que você fosse uma coisinha frágil, alguém que eu precisava proteger. Agora percebo que me enganei. Você é a forte de nós dois, a que é capaz de suportar conviver com a possibilidade de um amor como este, e com o fato de que ele jamais nos será permitido.

Peço-lhe que não me julgue por minha fraqueza. A única forma de eu poder suportar isso é estar em um lugar em que não a veja nunca, em que eu não seja assombrado pela possibilidade de vê-la com ele. Preciso estar em um lugar onde a pura necessidade impeça que você ocupe cada minuto, cada hora dos meus pensamentos. Aqui isso é impossível.

Vou aceitar o trabalho. Estarei na Plataforma 4, Paddington, às 18h15, sexta-feira à noite, e nada no mundo me faria mais feliz do que você encontrar coragem para vir comigo.

Se não vier, saberei que o que sentimos um pelo outro, seja lá o que for, não basta. Não a culpo, minha querida. Sei que a pressão das últimas semanas foi intolerável para você, e o peso disso me afeta profundamente. Odeio a ideia de poder lhe causar qualquer tristeza.

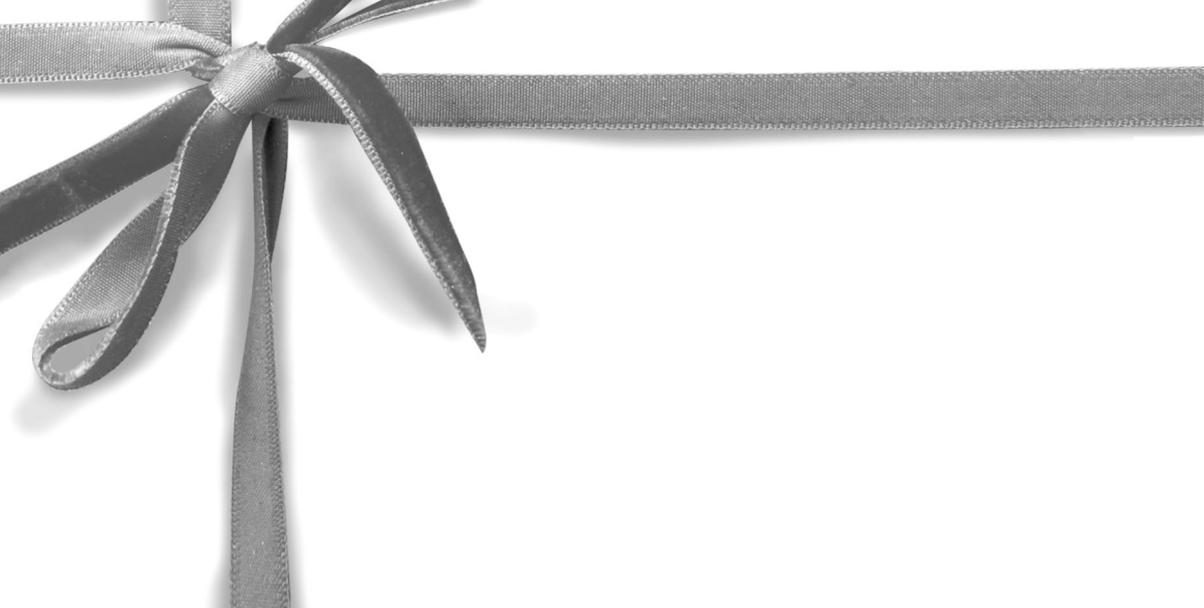
Esperarei na plataforma a partir das 18h45. Saiba que você tem meu coração, minhas esperanças, em suas mãos.

*Seu,
B.*

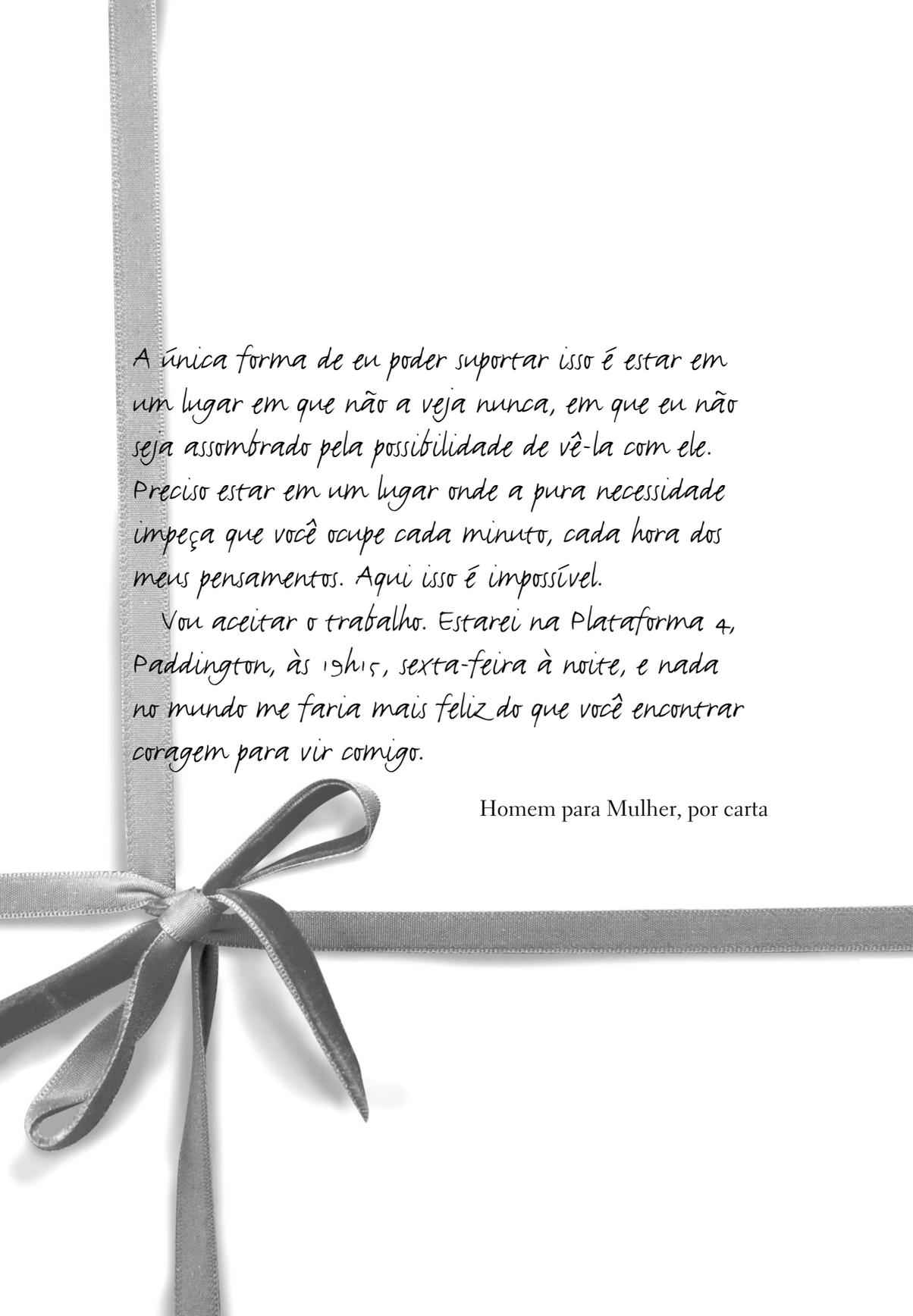
Ellie relê a carta e se vê, inexplicavelmente, com os olhos cheios d'água. Não consegue desviar o olhar da letra grande, cheia de volteios. A urgência das palavras a toca mais de quarenta anos depois de elas terem sido escritas. Ela vira a carta, confere o envelope em busca de alguma pista. Está endereçado à caixa postal 13, Londres. O que você fez, caixa postal 13?, pergunta ela mentalmente.

Então se levanta, repõe a carta cuidadosamente no envelope e vai até o computador. Abre a caixa de mensagens e pressiona “atualizar”. Nada desde a mensagem que recebera às 19h45.

Tenho um jantar, linda. Desculpe — já estou atrasado. Até. Bj.



Parte 1



A única forma de eu poder suportar isso é estar em um lugar em que não a veja nunca, em que eu não seja assombrado pela possibilidade de vê-la com ele. Preciso estar em um lugar onde a pura necessidade impeça que você ocupe cada minuto, cada hora dos meus pensamentos. Aqui isso é impossível.

Vou aceitar o trabalho. Estarei na Plataforma 4, Paddington, às 19h15, sexta-feira à noite, e nada no mundo me faria mais feliz do que você encontrar coragem para vir comigo.

Homem para Mulher, por carta

I

1960

— Ela está acordando.

Ouviu-se um sibilar, uma cadeira sendo arrastada, depois o tilintar seco de argolas de cortina se encontrando. Duas vozes murmurando.

— Vou buscar o Sr. Hargreaves.

Seguiu-se um breve silêncio, durante o qual ela lentamente se deu conta de outra camada sonora — vozes, abafadas pela distância, um carro passando: parecia, estranhamente, que vinha de algum lugar abaixo dela. Ficou ali deitada assimilando os sons, deixando-os se cristalizarem, atualizando-se, à medida que reconhecia cada um pelo que era.

Foi aí que se deu conta da dor. Ia subindo em estágios intensos: primeiro o braço, uma ardência aguda do cotovelo ao ombro, depois a cabeça: surda, incessante. O resto do seu corpo doía, como doera quando ela...

Quando ela...?

— Ele já vem. Mandou fechar as cortinas.

A boca estava muito seca. Fechou os lábios e engoliu dolorosamente. Queria pedir água, mas as palavras não vinham. Entreabriu os olhos. Dois vultos indistintos moviam-se em volta dela. Cada vez que ela imaginava ter descoberto o que eram, eles tornavam a se mover. Azuis. *Eram azuis.*

— Sabe quem acabou de descer, não sabe?

Uma das vozes ficou mais baixa.

— A namorada do Eddie Cochrane. A que sobreviveu ao acidente de carro. Ela andou compondo músicas para ele. Em memória dele, quer dizer.

— Não vai ser tão boa quanto ele era, aposto.

— Ela passou a manhã inteira recebendo jornalistas. A enfermeira-chefe está à beira do desespero.

Ela não conseguia entender o que falavam. A dor de cabeça tinha virado um latejar pulsante, aumentando de volume e intensidade até ela não poder fazer mais nada senão tornar a fechar os olhos e esperar que ela ou a dor se fosse. Então o branco entrou, como uma maré, para envolvê-la. Com certa gratidão, suspirou silenciosamente e se deixou mergulhar de novo em seus braços.

— Está acordada, querida? Tem visita para você.

Havia um reflexo tremeluzente acima dela, um fantasma andando com rapidez, primeiro para um lado e depois para outro. De repente ela se lembrou de seu primeiro relógio de pulso, como refletira a luz do sol na caixinha de vidro, direcionando-a para o teto do quarto de brinquedos, mandando-a para trás e para a frente, fazendo seu cachorrinho latir.

O azul estava lá de novo. Ela o viu andar, acompanhado do farfalhar. Depois havia uma mão no seu pulso, uma breve faísca de dor que a fez uivar.

— Um pouquinho mais de cuidado com esse lado, enfermeira — repreendeu a voz. — Ela sentiu isso.

— Desculpe-me, Sr. Hargreaves.

— O braço vai exigir outra cirurgia. Já o fixamos em vários pontos, mas ainda não está bom.

Um vulto escuro pairava a seus pés. Desejou com todas as forças que ele se materializasse, mas, assim como os vultos azuis, ele se recusava a fazer isso, e ela deixou os olhos se fecharem.

— Pode se sentar com ela, se quiser. Fale com ela. Ela pode ouvi-lo.

— Como estão os... outros ferimentos?

— Vão ficar algumas cicatrizes, receio. Principalmente naquele braço. E, como ela levou um golpe e tanto na cabeça, talvez custe um pouco a voltar a ser o que era. Mas, dada a gravidade do acidente, acho que podemos dizer que escapou por pouco.

Houve um breve silêncio.

— Sim.

Alguém colocara uma tigela de frutas ao seu lado. Ela tornara a abrir os olhos, focalizando aquele objeto, deixando a forma, a cor se materializarem até entender, com uma pontada de satisfação, que conseguia identificar o que havia lá dentro. Uvas, disse ela. E novamente, rolando a palavra muda dentro da cabeça: *uvas*. Sentia que a palavra era importante, como se a estivesse ancorando naquela nova realidade.

E então, com a mesma velocidade que apareceram, sumiram, obliteradas pela massa azul-escura que se instalara a seu lado. À medida que a massa se

aproximava, ela conseguia apenas identificar o leve cheiro de tabaco. A voz, quando veio, era hesitante, talvez até meio constrangida:

— Jennifer? Jennifer? Está me ouvindo?

As palavras saíam muito altas, estranhamente intrusivas.

— Jenny, querida, sou eu.

Ela se perguntou se a deixariam ver de novo as uvas. Parecia necessário vê-las; viçosas, roxas, concretas. Familiares.

— Tem certeza de que ela pode me ouvir?

— Tenho, mas talvez ela ache bastante cansativo se comunicar.

Houve uns murmúrios que ela não conseguiu entender. Ou talvez tenha apenas desistido de tentar. Nada parecia claro.

— Você poderia...? — sussurrou ela.

— Mas a mente dela não foi afetada? No acidente? Você sabe se não haverá... permanentes...?

— Como disse, ela levou uma boa pancada na cabeça, mas não houve indícios médicos para alarme. — Ruído de papéis sendo revolvidos. — Não houve fratura. Nem edema no cérebro. Mas essas coisas são sempre meio imprevisíveis, e os pacientes são afetados de maneiras bastante diferentes. Portanto, o senhor simplesmente terá que ser um pouco...

— Por favor... — A voz dela era um murmúrio, mal se ouvia.

— Sr. Hargreaves! Acho que ela está tentando falar.

— ... quero ver...

Um rosto desceu até ela.

— Sim?

— ... quero ver... — As uvas, ela estava implorando. Eu só quero ver de novo aquelas uvas.

— Ela quer ver o marido! — A enfermeira se levantou de um pulo ao anunciar isso, triunfante. — Acho que ela quer ver o marido.

Houve uma pausa, e então alguém se inclinou em direção a ela.

— Estou aqui, querida. Está tudo... está tudo bem.

O corpo recuou, e ela ouviu uma mão dando batidinhas nas costas de alguém.

— Pronto, está vendo? Ela já está voltando a si. Tudo no seu tempo, hã?

— Uma voz masculina de novo. — Enfermeira? Vá pedir à enfermeira-chefe que providencie alguma comida para hoje à noite. Nada muito pesado. Algo leve e fácil de engolir... Talvez a senhora pudesse nos trazer uma xícara de chá já que vai até lá.

Ela ouviu passos, vozes baixas que continuavam a falar ao lado dela. Seu último pensamento antes de a luz envolvê-la novamente foi: *Marido?*

Mais tarde, quando lhe contaram quanto tempo fazia que estava no hospital, ela mal pôde acreditar. O tempo ficara fragmentado, inadmissível, chegando e partindo em caóticos blocos de horas. Era o café da manhã de terça-feira. Agora era o almoço de quarta. Ela aparentemente dormira por 18 horas — isso foi dito em um tom de certa desaprovação, como se houvesse uma grosseria implícita em estar tanto tempo ausente. E aí era sexta-feira. De novo.

Às vezes, quando acordava, estava escuro, e ela levantava um pouco a cabeça do travesseiro branco engomado e observava os movimentos relaxantes do hospital à noite. O arrastar de pés muito suave das enfermeiras pelos corredores, uma ou outra conversa em voz baixa entre enfermeira e paciente. Ela podia ver TV à noite, se quisesse, diziam-lhe as enfermeiras. Seu marido tinha um bom plano de saúde — ela podia ter quase tudo o que desejasse. Ela sempre dizia não, obrigada: já bastava a confusão que lhe provocava a perturbadora enxurrada de informações, mesmo sem o incessante tagarelar da TV no canto.

À medida que os períodos de vigília ficavam maiores e mais frequentes, foi se familiarizando com os rostos das outras mulheres na pequena ala. A mais velha, no quarto a sua direita, tinha um cabelo negro retinto preso com laquê em uma escultura rígida e perfeita no alto da cabeça e as feições congeladas numa expressão de leve desapontamento e admiração. Pelo visto ela atuara em um filme em sua juventude, e se dignava a contar isso a todas as enfermeiras novas. Tinha uma voz autoritária e recebia poucas visitas. Havia a jovem rechonchuda no quarto em frente, que chorava baixinho de madrugada. Uma senhora enérgica — talvez uma babá — trazia crianças pequenas para visitá-la por uma hora todas as noites. Os dois meninos subiam na cama, agarrando-se a ela, até a babá mandá-los descer, pois “vão acabar machucando sua mãe”.

As enfermeiras lhe diziam o nome das outras mulheres, e às vezes os próprios, mas ela não conseguia se lembrar de nenhum. Estavam decepcionadas com ela, desconfiava.

Seu Marido, como todo mundo se referia a ele, vinha quase toda noite. Usava um terno bem-cortado, de sarja azul-marinho ou cinza, dava-lhe um beijo perfunatório no rosto e na maior parte das vezes sentava-se ao pé da cama. Puxava conversa sobre trivialidades, muito solícito, perguntando se ela estava gostando da comida, se queria que ele providenciasse algo. Às vezes ele simplesmente lia o jornal.

Era um homem bonito, talvez uns dez anos mais velho que ela, com uma testa alta, curvada, e olhos sérios e fundos. Ela sabia, bem lá no íntimo, que

ele devia ser quem dizia ser, que ela era casada com ele, mas era incrível não sentir nada quando obviamente todo mundo esperava uma reação diferente. Às vezes ela o fitava quando ele não estava olhando, esperando ser acometida por alguma sensação de familiaridade. Às vezes, ao acordar, ela o encontrava sentado ali, o jornal abaixado, olhando para ela como se sentisse algo parecido.

Sr. Hargreaves, o especialista, passava lá todos os dias, verificava a papeleta, perguntava se ela saberia lhe dizer o dia, a hora, o próprio nome. Ela sempre acertava essas coisas agora. Até conseguia lhe dizer que o primeiro-ministro era o Sr. Macmillan e que ela estava com 27 anos. Mas tinha dificuldade com manchetes de jornais, com coisas que haviam acontecido antes que chegasse ali.

— Isso vai vir — dizia ele, dando-lhe tapinhas na mão. — Não tente forçar, muito bem.

E depois havia sua mãe, que trazia presentinhos, sabonete, bons xampus, revistas, como se fossem ajudar a transformá-la numa cópia do que aparentemente ela era.

— Andamos todos muito preocupados, Jenny querida — dizia ela, colocando uma mão fria em sua cabeça.

Era bom. Não familiar, mas bom. Às vezes sua mãe começava a dizer algo, depois murmurava:

— Não devo cansar você com perguntas. Tudo vai voltar. É o que os médicos dizem. Então você não deve se preocupar.

Ela não estava preocupada, Jenny queria lhe dizer. Dentro de sua pequena bolha era bastante tranquilo. Sentia apenas uma vaga tristeza por não conseguir ser a pessoa que todo mundo obviamente esperava que ela fosse. Era nessa hora, quando sua cabeça ficava muito confusa, que tornava a adormecer.

Finalmente disseram a ela que iria para casa, numa manhã tão límpida que os rastros de fumaça formavam uma floresta esguia contra o brilhante céu azul de inverno da capital. A essa altura, ela às vezes conseguia andar pelo hospital, trocando revistas com outras pacientes, que ficavam conversando com as enfermeiras ou escutando rádio, se estivessem com vontade. Ela passara por uma segunda cirurgia no braço e se recuperava bem, disseram-lhe, embora a comprida cicatriz vermelha em que fora inserida a placa lhe desse aflição. Por isso, ela tentava mantê-la escondida sob mangas compridas. Seus olhos haviam sido examinados, sua audição, conferida; sua pele havia sarado da extensa escoriação causada pelos estilhaços

de vidro. Os hematomas haviam desaparecido e a costela e a clavícula já estavam bem cicatrizadas, de forma que ela podia deitar em várias posições sem sentir dor.

Para todos os efeitos, ela parecia, afirmavam, “a mesma de antes”, como se a repetição pudesse fazer com que ela se lembrasse de quem era. Sua mãe, enquanto isso, passava horas revirando pilhas de fotografias em preto e branco para poder refletir a vida de Jennifer de volta para ela.

Ela soube que tinha quatro anos de casada. Não tinha filhos — pelo tom de voz mais baixo de sua mãe, supôs que isso causasse certo desapontamento a todos. Ela morava numa casa muito elegante numa área muito boa de Londres, com uma governanta e um motorista, e muitas mulheres aparentemente dariam tudo para ter metade do que ela possuía. Seu marido tinha um cargo influente no setor de mineração e vivia viajando, embora fosse tão dedicado que adiara várias viagens *muito importantes* desde o acidente. Pela deferência com que a equipe médica falava com ele, ela imaginava que ele era mesmo bastante importante e, por extensão, que ela poderia esperar certo respeito também, mesmo que isso lhe parecesse um absurdo.

Ninguém lhe falara muito sobre como fora parar lá, embora ela uma vez tivesse dado uma olhada furtiva nas anotações do médico e descoberto que tinha sofrido um acidente de carro. Na única vez que pressionara a mãe para que lhe contasse o que acontecera, viu-a ficar toda vermelha e, colocando a mãozinha gorda sobre a de Jennifer, insistir em que ela “não ficasse pensando nisso, querida. Foi tudo muito... desagradável”. Vieram-lhe lágrimas aos olhos, e Jennifer, para não perturbá-la, mudara de assunto.

Uma moça falante com uma cabeleira ruiva armada chegara de outra parte do hospital para cortar e pentear seu cabelo. Isso, disse-lhe a jovem, faria com que se sentisse muito melhor. Jennifer perdera um pouco de cabelo na parte de trás da cabeça — raspavam aquela parte para que um ferimento fosse suturado — e a moça anunciou ser craque em disfarçar tais falhas.

Pouco mais de uma hora depois, a tal moça ergueu um espelho com um floreio. Jennifer olhou para a jovem que a encarava de volta. Bem bonitinha, pensou, com uma espécie de satisfação distante. Machucada, meio pálida, mas um rosto agradável. Meu rosto, corrigiu-se.

— Está com seus cosméticos à mão? — perguntou a cabeleireira. — Eu posso maquiá-la, se ainda sentir dor nos braços. Um batonzinho ilumina qualquer rosto, madame. Isso e um pouco de base.

Jennifer continuava olhando para o espelho.

— Acha que eu deveria?

— Ah, sim. Uma moça bonita como você. Posso fazer algo bem leve... mas vai dar um brilho ao seu rosto. Espere aí. Vou dar um pulinho lá embaixo e buscar minhas coisas. Tenho umas cores lindas de Paris, e um batom Charles of the Ritz que vai ficar perfeito em você.

— Ora, ora, você me parece ótima. É bom ver uma dama maquiada. Mostra que você está um pouco mais animada — disse Sr. Hargreaves em uma de suas rondas, mais tarde. — Estamos ansiosos para ir para casa, não é mesmo?

— Sim, obrigada — afirmou ela educadamente. Jennifer não fazia ideia de como informá-lo de que não sabia que casa era essa.

Ele perscrutou o rosto dela um instante, talvez avaliando sua insegurança. Então sentou-se na cama ao seu lado e colocou a mão no seu ombro.

— Entendo que tudo deve parecer meio desconcertante, que você ainda não esteja se sentindo você mesma, mas não fique preocupada se muitas coisas estiverem confusas. É muito comum ter amnésia depois de uma lesão na cabeça.

“Você tem uma família que lhe dá muito apoio, e garanto que, quando estiver cercada de coisas conhecidas, sua rotina, seus amigos, suas idas às compras e coisas assim, achará que tudo está voltando para o lugar.”

Ela confirmou obedientemente com um aceno de cabeça. Entendera bem depressa que todo mundo pareceria mais feliz se ela fizesse isso.

— Agora, eu gostaria que você voltasse daqui a uma semana para eu ver o progresso desse braço. Você vai precisar de fisioterapia para recuperar todos os movimentos. O mais importante, porém, é simplesmente descansar, e não se preocupar muito com nada. Entende?

Ele já estava saindo. O que mais ela poderia dizer?

Seu marido veio buscá-la pouco antes da hora do chá. As enfermeiras haviam se enfileirado na recepção do térreo para se despedir dela, todas eretas como alfinetes com seus aventais engomados. Ela ainda se sentia curiosamente fraca e sem equilíbrio, e estava grata pelo braço que ele estendeu para ela.

— Agradeço o carinho com que trataram a minha esposa. Mande a conta para o meu escritório, por favor — disse ele à enfermeira-chefe.

— Foi um prazer — disse ela, apertando a mão dele e sorrindo para Jennifer. — É maravilhoso vê-la recuperada. Está com uma aparência ótima, Sra. Stirling.

— Eu me sinto... bem melhor. Obrigada.

Ela usava um casaco longo de caxemira e um chapéu sem aba combinando. Ele mandara levar-lhe três trajes. Ela escolhera o mais discreto: não queria chamar atenção.

Elas olharam quando Sr. Hargreaves pôs a cabeça para fora de uma sala.

— Minha secretária disse que há uns repórteres lá fora, estão aqui para ver a moça Cochrane. Talvez vocês prefiram sair pelos fundos se quiserem evitar confusão.

— Seria melhor. Poderia pedir para meu motorista dar a volta?

Depois de semanas no calor da enfermaria, a friagem era um choque. Ela se esforçava para acompanhar o passo dele, a respiração entrecortada, e de repente estava no banco traseiro de um grande carro preto, engolida por enormes bancos de couro, e as portas se fecharam com uma batida cara. O carro partiu para entrar no tráfego de Londres com um ronco surdo.

Ela olhava pela janela, observando os repórteres, apenas visíveis na escadaria da frente, e os fotógrafos agasalhados comparando suas lentes. Mais além, as ruas centrais de Londres estavam cheias de gente passando apressadas, as golas levantadas para se proteger do vento, homens de chapéus enterrados até as sobrancelhas.

— Quem é a moça Cochrane? — perguntou ela, virando-se para encará-lo. Ele estava murmurando algo para o motorista.

— Quem?

— A moça Cochrane. Sr. Hargreaves estava falando dela.

— Acho que era a namorada de um cantor popular. Eles sofreram um acidente de carro pouco antes...

— Todas falavam dela. As enfermeiras, no hospital.

Ele pareceu ter perdido o interesse.

— Vou deixar Sra. Stirling em casa, e, assim que ela tiver se instalado, vou para o escritório — informou ao motorista.

— O que aconteceu com ele? — perguntou ela.

— Quem?

— Cochrane. O cantor.

Seu marido a olhou como se estivesse ponderando algo.

— Morreu — disse ele.

Depois tornou a se virar para o motorista.

Ela subiu devagar os degraus da casa branca de estuque e a porta se abriu, quase como um passe de mágica, quando ela chegou ao topo. O motorista colocou sua valise cuidadosamente no corredor, depois se retirou. O marido, atrás dela, fez um aceno de cabeça para uma mulher que estava no corredor,

aparentemente para recebê-los. Ao fim da meia-idade, tinha um cabelo escuro preso em um coque apertado e vestia um conjunto azul-marinho.

— Seja bem-vinda, madame — cumprimentou a mulher, estendendo a mão. Seu sorriso era genuíno, e ela falava um inglês com sotaque carregado. — Estamos muito felizes de ter a senhora bem de novo.

— Obrigada — respondeu Jennifer. Queria usar o nome da mulher, mas ficou sem jeito de perguntar.

A mulher esperou para pegar seus casacos e desapareceu no corredor com eles.

— Está cansada? — Ele abaixou a cabeça para examinar o rosto dela.

— Não. Não. Estou bem. — Ela olhou ao redor, desejando poder disfarçar a consternação pelo fato de que era como se nunca tivesse visto aquela casa.

— Preciso voltar para o escritório agora. Você vai ficar bem com a Sra. Cordoza?

Cordoza. O nome não era de todo estranho. Sentiu uma pequena onda de gratidão. *Sra. Cordoza.*

— Vou ficar muito bem, obrigada. Por favor não se preocupe comigo.

— Estarei de volta às 19 horas... Se você tem certeza de que vai ficar bem...

Estava claro que ele queria ir embora. Inclinou-se para perto dela, deu-lhe um beijo no rosto e, após uma breve hesitação, saiu.

Ela ficou parada no corredor, ouvindo os passos dele se afastando nos degraus lá fora, o ronco suave do motor quando seu grande carro partiu. A casa de repente pareceu grande e sombria.

Ela tocou as paredes forradas de seda, observou o parquê lustroso do assoalho, o pé-direito vertiginosamente alto. Tirou as luvas com movimentos precisos, decididos. Então inclinou-se para olhar melhor as fotografias que havia sobre a mesa do corredor. A maior era uma foto de casamento, numa moldura de prata enfeitada e muito polida. E lá estava ela, em um vestido branco justo, o rosto parcialmente encoberto por um véu de renda branca, o marido com um sorriso largo a seu lado. Eu me casei mesmo com ele, pensou. E depois: pareço tão feliz.

Sobressaltou-se. Sra. Cordoza chegara por trás dela e estava ali parada, as mãos cruzadas à frente.

— A senhora não gostaria que eu lhe trouxesse um chá? Talvez queira tomar na sala de estar. Acendi a lareira do cômodo para a senhora.

— Seria... — Jennifer olhou para dentro da casa, para as várias portas. Então tornou a observar a fotografia. Custou um pouco a voltar a falar. — Sra. Cordoza... a senhora se importa em me dar o braço para eu me apoiar? Só até eu me sentar. Não estou sentindo muita firmeza ao caminhar.

Depois, não tinha certeza da razão de ter ocultado da mulher quão pouco ela se lembrava da disposição dos cômodos da própria casa. Parecia-lhe que, se conseguisse fingir, e se acreditassem nela, o que era fingimento poderia acabar sendo verdade.

A governanta tinha preparado a ceia: um ensopado, com batatas e finas vagens francesas. Deixara-a dentro do forno desligado, dissera ela a Jennifer. Jennifer tivera que esperar o marido voltar para conseguir pôr qualquer coisa na mesa: seu braço direito continuava fraco, e ela temia derrubar a pesada panela de ferro.

Passara uma hora sozinha, tempo que aproveitou para andar pela ampla casa, familiarizando-se com a residência, abrindo gavetas e analisando fotografias. *Minha casa*, repetia para si mesma. *Minhas coisas*. *Meu marido*. Uma ou duas vezes, esvaziou a mente e deixou seus pés levarem-na aonde ela achava que poderia haver um banheiro ou um escritório, e ficou contente ao descobrir que alguma coisa dentro dela ainda conhecia esse lugar. Olhou os livros na sala de estar, notando, com uma ponta de satisfação, que, embora tantos deles fossem estranhos, ainda conseguia se lembrar da história de muitos.

Demorou-se mais no seu quarto. Sra. Cordoza desfizera sua mala e guardara tudo. Dois armários embutidos estavam abertos, revelando uma grande quantidade de roupas impecavelmente guardadas. Tudo cabia nela à perfeição, até os sapatos mais surrados. Sua escova de cabelo, seus perfumes e seus cosméticos estavam alinhados sobre uma penteadeira. Os cheiros encontraram sua pele com uma familiaridade agradável. As cores das maquiagens lhe caíam bem: Coty, Chanel, Elizabeth Arden, Dorothy Gray — seu espelho era cercado por um pequeno batalhão de cremes e unguentos caros.

Ela abriu uma gaveta, pegou camadas de chiffon, sutiãs e outras roupas de baixo feitas de seda e renda. Sou uma mulher que dá importância à aparência, observou. Sentou-se e ficou se olhando no espelho de três faces, depois começou a escovar o cabelo com movimentos longos e regulares. É isso que eu faço, disse a si mesma várias vezes.

Nos poucos momentos em que a sensação de estranheza foi avassaladora, entreteve-se com pequenas tarefas: rearrumar as toalhas do primeiro andar, organizar pratos e copos.

Ele voltou pouco antes das 19 horas. Ela o aguardava no corredor, a maquiagem recém-aplicada e um leve toque de perfume no pescoço e nos ombros. Percebeu que o agradou, essa aparência de normalidade. Pegou o casaco dele, pendurou-o e perguntou se gostaria de beber alguma coisa.

— Seria ótimo. Obrigado — disse ele.

Ela hesitou, a mão pousada numa garrafa de cristal.

Ao virar-se, ele notou a indecisão dela.

— Isso mesmo, querida. Uísque. Dois dedos, com gelo. Obrigado.

Na ceia, ele sentou-se à sua direita na grande mesa de mogno lustrosa, boa parte dela vazia e sem enfeites. Ela serviu a comida fumegante em dois pratos, e ele os colocou diante de cada lugar à mesa. Essa é a minha vida, ela se viu pensando, enquanto observava as mãos dele se moverem. É isso que fazemos à noite.

— Pensei em convidar os Moncrieff para o jantar na sexta-feira. Você conseguiria recebê-los?

Ela deu uma pequena garfada.

— Acho que sim.

— Ótimo. — Ele assentiu com um gesto de cabeça. — Nossos amigos andam perguntando por você. Querem ver que você... voltou a ser a boa e velha Jennifer.

Ela sorriu.

— Seria... ótimo.

— Achei que passaríamos uma ou duas semanas sem fazer muita coisa. Só até você se sentir bem.

— Sim.

— Isso está muito bom. Você que fez?

— Não. Foi a Sra. Cordoza.

— Ah.

Comeram calados. Ela bebeu água — Sr. Hargreaves aconselhara-a a não tomar nada mais forte —, mas invejou o copo diante do marido. Gostaria de anestesiá-la a sensação de estranheza desconcertante, embotá-la.

— E como vão as coisas... no trabalho?

Ele estava de cabeça baixa.

— Tudo bem. Preciso visitar as minas nas próximas semanas, mas, antes de ir, quero ter certeza de que você consegue se virar. Vai ter a Sra. Cordoza para ajudá-la, claro.

Ela se sentiu um pouco aliviada com a ideia de estar só.

— Tenho certeza de que vou ficar bem.

— E depois, pensei que talvez pudéssemos passar umas semanas na Riviera. Tenho assuntos a resolver lá, e o sol pode fazer bem a você. Sr. Hargreaves disse que talvez fosse bom para... as cicatrizes... — A voz dele sumiu.

— A Riviera — repetiu ela.

Uma súbita visão de uma orla enluarada. Risadas. O tilintar de copos. Ela fechou os olhos, desejando com todas as forças que a imagem fugaz entrasse em foco.

— Pensei em irmos de carro dessa vez, só nós dois.

A imagem se fora. Ela podia escutar a própria pulsação nos ouvidos. Fique calma, disse a si mesma. Vai voltar tudo. Sr. Hargreaves disse que voltaria.

— Lá você sempre parece feliz. Talvez um pouco mais feliz do que em Londres. — Ele a fitou depois desviou o olhar.

De novo a sensação de ser testada. Ela obrigou-se a mastigar e engolir.

— O que você achar melhor — respondeu baixinho.

A sala ficou em silêncio, a não ser pelo rascar dos talheres dele no prato, um ruído opressivo. A comida de repente lhe pareceu intransponível.

— Na verdade, estou mais cansada do que pensava. Você se importaria se eu subisse?

Ele se levantou enquanto ela se punha de pé.

— Eu deveria ter dito a Sra. Cordoza que uma ceia na cozinha bastaria. Quer ajuda para subir?

— Por favor, não se preocupe. — Com um gesto, recusou o braço que ele lhe oferecia. — Só estou um pouco cansada. Tenho certeza de que amanhã de manhã estarei bem melhor.

Às 21h45 ela o ouviu entrar no quarto. Deitara-se na cama, totalmente consciente dos lençóis à sua volta, do luar que atravessava as compridas cortinas, dos barulhos do tráfego ao longe na praça, de táxis parando para os passageiros saltarem, uma saudação educada de alguém passeando com um cachorro. Mantivera-se bem quieta, esperando que algo se encaixasse no lugar, que a facilidade com que se encaixara de volta em seu ambiente físico se ampliasse para sua mente.

E então a porta se abriu.

Ele não acendeu a luz. Ouviu cabides de madeira batendo de leve enquanto ele pendurava o paletó, o suave *tuc* dos sapatos sendo descalçados. E de repente ela ficou rígida. Seu marido — esse homem, esse estranho — ia se deitar na cama. Estivera tão focada em superar cada momento que não considerara isso. Quase esperava que ele dormisse no quarto de hóspedes.

Mordeu o lábio, os olhos apertados, forçando-se a respirar devagar, como se estivesse dormindo. Ouviu-o entrar no banheiro, o fluxo de água da torneira, um escovar os dentes vigoroso e um gargarejo breve. Seus passos voltaram pelo carpete, e então ele deslizou para dentro das cobertas, fazendo o colchão afundar e a cabeceira ranger em protesto. Por um minuto ele ficou ali deitado, e ela se esforçou para manter a respiração regular. *Por favor, ainda não, desejei com todas as forças. Mal conheço você.*

— Jenny? — chamou ele.

Ela sentiu a mão dele em seu quadril e obrigou-se a não estremecer.

Ele a moveu com cautela.

— Jenny?

Ela se obrigou a dar um longo suspiro, sugerindo o esquecimento sem culpa do sono profundo. Sentiu-o parar, a mão imóvel, e depois, com o próprio suspiro, deitar-se pesadamente no travesseiro.